

O Palácio de Fernando Corona em Pelotas: inovador, renovador, conservador

Fernando Corona's Palace in Pelotas: Innovative, renewing, conservative

Célia Gonsales

celia.gonsales@gmail.com

Universidade Federal de Pelotas

RESUMO - Em 1938, Fernando Corona, trabalhando para a construtora Azevedo Moura & Gertum, projeta o Palácio do Comércio em Pelotas, Rio Grande do Sul, a nova sede da Associação Comercial. O edifício, o mais alto da cidade, é sem dúvida um edifício moderno, inovador, e como tal é aclamado. Nesse projeto, Corona consolida os princípios arquitetônicos que lhe eram mais caros. Arquiteto renovador, utiliza uma linguagem de formas puras e superfícies despidas de ornamento. Arquiteto conservador, não abre mão dos princípios atemporais, do equilíbrio perfeito da simetria, da propriedade do decoro urbano. A ideia de racionalismo, base comum de toda a arquitetura moderna, é utilizada neste estudo como balizador de uma compreensão da obra do arquiteto e da arquitetura da “modernidade pragmática” em geral, indicada na historiografia como uma manifestação de renovação não radical, diferente daquela modernidade de vanguarda. Pragmática, sem necessidade de discurso, essa arquitetura renova conservando sempre algo familiar, algo que não precisava ser explicado, que já fazia parte de um entendimento compartilhado por uma cultura.

Palavras-chave: arquiteto Fernando Corona, arquitetura moderna, Palácio do Comércio de Pelotas.

ABSTRACT - In 1938, Fernando Corona, working for the construction company Azevedo Moura & Gertum, designs the Palace of Commerce in Pelotas, Rio Grande do Sul, the new headquarters of the Commercial Association. The building, the highest in the city, is undoubtedly a modern, innovative one and is acclaimed as such. In this project Corona consolidates the architectural principles which were dear to him. As a renewing architect, he uses a language of pure forms and surfaces denuded of ornament. As a conservative architect, he does not give up the timeless principles, the perfect balance of symmetry, the propriety of the urban decorum. The idea of rationalism, a common base of all modern architecture, is used in this study as an indicator for the understanding of the architect's work and of the “pragmatic modernity” of architecture in general, which is indicated in historiography as a manifestation of non-radical renewal, different from avant-garde modernity. Being pragmatic, without the need for discourse, this architecture renews but always keeps something familiar, something which does not need to be explained, which is already part of an understanding shared by a culture.

Keywords: architect Fernando Corona, modern architecture, Palace of Commerce in Pelotas.

O Palácio do Comércio de Pelotas – inovador

Em julho de 1938, o *Diário Popular* – jornal de maior circulação na cidade de Pelotas – apresenta a manchete: “Palácio do Comércio: as obras deverão ser iniciadas no próximo mês de Setembro”. E prossegue:

Prazerosamente estampamos [...], o clichê da fachada do majestoso edifício a construir-se, trabalho do competente arquiteto Fernando Corona, da firma Azevedo Moura & Gertum de Porto Alegre [...]. Obedece esse trabalho ao estilo funcional e está moldado no que de mais moderno se conhece em arte arquitetura (Diário Popular, 1938, p. 3) (Figura 1).

No mesmo mês, o *Diário de Notícias* de Porto Alegre publica:

A Associação Comercial de Pelotas vai construir alterosa sede: o majestoso prédio, que com suas instalações completas, esgotos, etc., está orçado em 1800 contos, será destinado a diversos

fins [...] O pavimento (térreo) dividido em três partes, terá lugar para um grande bar e duas lojas. O segundo andar será dividido em 14 salas, para escritórios e consultórios médicos. Os 3º, 4º, 5º, 6º e 7º andares serão destinados a apartamentos. O 8º será a sede da Associação Comercial e o 9º, ficará destinado a sessões de assembleia geral, festividades, etc. [...]. A construção do grandioso edifício, sem dúvida o mais importante da Princesa do Sul, deverá ser iniciada em fins de setembro próximo, devendo ficar concluída em fins de 1939 (Diário de Notícias de Porto Alegre, 1938).

No dia 7 de setembro de 1938 é lançada a pedra fundamental (Figura 2), e em 24 de janeiro de 1942, segundo ata da cerimônia e veiculação no *Diário Popular*, o edifício é inaugurado:

[...] O Palácio do Comércio, que foi ontem inaugurado em ato solene, construído em um dos pontos mais centrais da cidade, veio dar à fisionomia urbana o traço característico dos centros adiantados. Trata-se de um soberbo edifício de nove andares [...]. A edificação, com estrutura de cimento armado, obedeceu



Figura 1. Desenho de autoria de Fernando Corona publicado no *Diário Popular*.

Figure 1. Drawing by Fernando Corona published in *Diário Popular*.

Fonte: Memorial da Associação Comercial.

aos mais modernos requisitos da técnica de construção e não há exagero na afirmativa de que a nova sede da Associação Comercial será, talvez por alguns anos, o principal edifício da cidade. Nele foram previstas todas as instalações técnicas e modernas capazes de garantir o máximo de aproveitamento e de conforto [...]. Além de outros requisitos peculiares dos grandes prédios, o edifício foi dotado de um serviço de aquecimento central com irradiadores em todos os pavimentos (Diário Popular, 1942, p. 1).

O destaque na imprensa indica a dimensão da importância da edificação, primeira em Pelotas com mais de quatro andares. O edifício, grande, alto, “majestoso”, de linhas sóbrias e superfícies puras, impõe-se na paisagem da cidade do século XIX (Figura 3). Impressiona, é como se a modernidade – que já se insinuava localmente em



Figura 2. Lançamento da pedra fundamental da nova sede da Associação Comercial, Pelotas (1938).

Figure 2. Laying of the foundation stone of the new headquarters of the Commercial Association, Pelotas (1938).

Fonte: Memorial da Associação Comercial.

alguns edifícios construídos nessa década – se instalasse definitivamente na cidade. Uma nova maneira de construir, de trabalhar, de morar e até de observar a cidade – pela primeira vez é possível ver a cidade desde o alto, conhecer seus limites em um só olhar, descortinar sua paisagem em um golpe de vista (Figura 4). É sem dúvida um edifício moderno, inovador, e como tal é aclamado.

O momento, década de 30, tempos de inovação social e urbana, Pelotas se consolida como polo de atividade terciária na zona sul; o edifício, a sede da Associação Comercial, foco da direção da economia local; a construtora, Azevedo, Moura & Gertum, prestigiosa empresa da capital, pioneira no uso de novas técnicas construtivas; o autor do projeto, Fernando Corona, experiente e experimentador, já conhecido por alguns trabalhos na cidade¹. É sem dúvida um edifício fundamental para a cidade desse momento, e como tal é designado.

O arquiteto – renovador, conservador

Fernando Corona, primeiramente escultor, nascido na Espanha, construiu e consolidou sua carreira de arquiteto autodidata trabalhando para a construtora Azevedo Moura & Gertum de Porto Alegre durante 20 anos, de 1925 a 1945².

Nessa empresa, fundada em 1924 pelos engenheiros Fernando de Azevedo Moura e Oscar Mostardeiro Gertum, Corona se formou arquiteto. Em uma construtora que conquistava a excelência no uso do concreto armado,

¹ Em Pelotas, Corona já havia realizado as decorações do Banco da Província, Banco do Brasil, Grande Hotel e Sociedade Portuguesa (Canez, 1998, p. 39).

² Para saber mais sobre o arquiteto, ver Canez (1998).



Figura 3. Fernando Corona, Palácio do Comércio, Pelotas (1938). Na segunda foto, à frente da Associação aparece o antigo Banco da Província do Rio Grande do Sul construído, em 1926, também pela firma Azevedo, Moura & Gertum, com estuques do salão de atendimento de Fernando Corona.

Figure 3. Fernando Corona, Palace of Commerce, Pelotas (1938). In the second picture, in front of the Association, one can see the old Bank of the Province of Rio Grande do Sul, built in 1926, also by the company Azevedo, Moura & Gertum, with stucco of the hall by Fernando Corona.

Fonte: Acervo Almanaque 200 anos de Pelotas.



Figura 4. Fernando Corona, Terraço do Palácio do Comércio, Pelotas (1938).

Figure 4. Fernando Corona, Terrace of the Palace of Commerce, Pelotas (1938).

Fonte: Memorial da Associação Comercial.

idealiza a estrutura formal de suas obras essencialmente tendo como base essa estrutura física. Também nessa empresa confirma e consolida sua ideologia arquitetônica conservadora – já conhecia profundamente Vignola e através de Fernando de Azevedo Moura toma contato com a arquitetura grega³. Da nova técnica toma o rigor, a lógica,



Figura 5. Fernando Corona, Palácio do Comércio, Pelotas (1938).

Figure 5. Fernando Corona, Palace of Commerce, Pelotas (1938).

Fonte: Memorial da Associação Comercial.

³ “Na minha profissão de escultor – decorador (assim comecei a carreira) e estudioso da arquitetura decorei os módulos e partes das cinco ordens arquitetônicas de Vignola. Mais tarde, em tempos de projetista da firma Azevedo Moura & Gertum, que o exerci durante vinte anos, tomei contato com a arquitetura grega em livros que Fernando de Azevedo Moura comprara em Londres. Passei a desconhecer (sic) pondo de lado a arquitetura romana de Vignola, estudando melhor a grega por parecer-me mais simples e mais bela” (Corona, s.d., p. 4).



Figura 6. Fernando Corona, Edifício Guaspari, Porto Alegre (1936).

Figure 6. Fernando Corona, Guaspari Building, Porto Alegre (1936).

Fonte: http://profciriosimon.blogspot.com.br/2014_09_01_archive.html/. Acesso em: 15/09/2014.

a razão e a inovação; da linguagem clássica, a ordem, a regra, a disciplina, a simplicidade e a permanência.

Na sede da Associação Comercial, o rigor da estrutura está pautado pelo pórtico de entrada; sua lógica, exposta nas empenas e por detrás da transparente *fenetre en longueur*; a regra do classicismo, no duplo trimorfismo da fachada, no volume isento.

Fernando Corona, o arquiteto renovador, utiliza formas muito simples na composição de seu palácio, com grandes aberturas e acentuação da horizontalidade. Vale-se da estratégia, própria desse momento de modernização, de contraste entre horizontalidade lateral e verticalidade central. Fernando Corona, o arquiteto conservador, vale-se da verticalidade e frontalidade do corpo central, do eixo de simetria sobre o eixo de acesso, de uma disciplina clássica. O volume puro remete à “máquina de morar e trabalhar” e ao templo grego ao mesmo tempo (Figura 5). A arquitetura é moderna, mas com uma composição que preserva algo de familiar. Conserva um volume de geometria simples, um equilíbrio especular, uma frontalidade, própria do ecletismo, neoclassicismo, neorrenascentismo e tantos outros ismos da área central da cidade.

Essa estratégia projetual havia sido construída ao longo dos últimos anos da carreira do arquiteto. O palácio de Pelotas se constituiu como um amadurecimento e consolidação de uma atitude frente à arquitetura e à cidade.

Em 1936, Corona havia projetado o Edifício Guaspari (Figura 6), onde barras horizontais partem do centro da fachada e se curvam no extremo trazendo fluidez e



Figura 7. Fernando Corona, Clube Comercial, São Gabriel (1937).

Figure 7. Fernando Corona, *Clube Comercial*, São Gabriel (1937).

Fonte: <http://saogabrielrsfotosantigas.blogspot.com.br/p/clube-comercialclube-caixeiralsao.html>. Acesso em: 15/09/2014.

dinamismo à composição. O esqueleto estrutural está exposto na fachada do pavimento térreo. Essa marcação no térreo e o balanço dos andares superiores fazem-nos intuir, desde o exterior, a linha de pilares isentos que cria uma vanguardista “fachada livre”. No entanto, o elemento vertical central da fachada, marcando a simetria e frontalidade, devolve ao edifício uma estabilidade clássica, um caráter conservador.

Esse tema do elemento vertical e central na fachada vai aparecer na quase totalidade de seus projetos. Somente em uma obra, o Clube Comercial de São Gabriel de 1937, Corona se apoiará em uma construção a partir do jogo assimétrico e dinâmico de volumes, não caindo na tentação da simetria e da frontalidade absolutas. Compõe, declara o arquiteto, “sem pensar em estilos do passado” (Corona, s.d., p. 369) (Figura 7).

No ano seguinte, na primeira versão da Casa Sloper, ainda experimenta essa estratégia compositiva, mas na versão final há uma volta à contensão clássica. Nesta última versão – com acréscimo de mais três pavimentos –, um único volume que abriga a totalidade das funções substitui os volumes diferenciados que se valiam, na primeira versão, de uma atitude funcionalista expressando as diferentes partes do programa. A atitude classicista que está de volta às estratégias arquitetônicas de Fernando Corona é reforçada ainda pelas pilastras na fachada que intensificam a ascensão vertical da composição (Figura 8).

A opção pela composição classicista vai também ficar evidente nos palácios que projeta depois do edifício de Pelotas: o Palácio do Trabalho de 1939 e as várias versões do “Palácio” das Belas Artes de 1940 a 1947 (Figuras 9 e 10).

Embora em seus últimos projetos para a Construtora Azevedo, Moura & Gertum, como o Edifício Santa

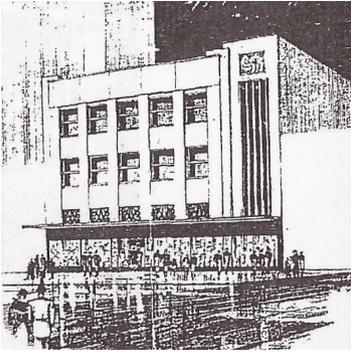


Figura 8. Fernando Corona, Casa Sloper, Porto Alegre (1938). Primeira e segunda versão (construída).

Figure 8. Fernando Corona, Sloper House, Porto Alegre (1938). First and second (built) version.

Fonte: Canez (1998); Correio do Povo (2009).

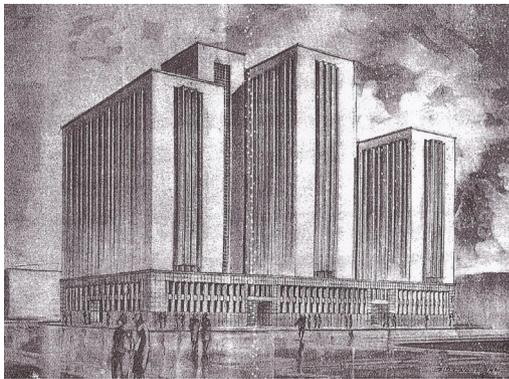


Figura 9. Fernando Corona, Palácio do Trabalho (1939).

Figure 9. Fernando Corona, Palace of Labor (1939).

Fonte: Catálogo “A reincorporação do Instituto de Belas Artes à Universidade de Porto Alegre” (1945). Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul.

Rosa, de 1938, Edifício Santa Helena e Edifício Ipiranga, ambos de 1941, alguns procedimentos da vanguarda – futurismo e expressionismo – possam ser percebidos, a presença da simetria e da frontalidade em todos eles, confirma mais uma vez a opção pelo classicismo como forma de abordar a arquitetura da cidade moderna.

O palácio, o arquiteto e a arquitetura moderna

Em 1938, quando é realizado o projeto do Palácio do Comércio, algumas obras de vanguarda já haviam se tornado emblemáticas: sede da Bauhaus em Dessau, Villa Stein em Garches, Pavilhão em Barcelona. No Brasil, o projeto definitivo do Ministério de Educação e Saúde Pública já estava concluído, a construção da ABI em andamento, a Obra do Berço praticamente pronta, configurando a linguagem moderna em arquitetura que se

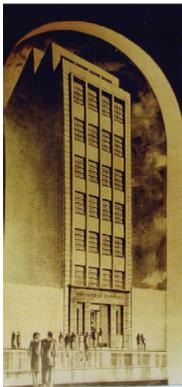


Figura 10. Fernando Corona, Instituto de Belas Artes. Versão construída (1940); versão para um terreno maior apresentada no II Salão de Belas Artes (1940); versão de 1947.

Figure 10. Fernando Corona, Institute of Fine Arts. Built version (1940); version for a larger site presented in the II Hall of Fine Arts (1940); 1947 version.

Fonte: Acervo de Círio Simon.

tornaria hegemônica no país – a “modernidade corrente”, como chamará Hugo Segawa (1999).

Dentro desse contexto, uma arquitetura como a de Fernando Corona tem sido “classificada” pela historiografia como protomoderna ou, mais recentemente, como “modernidade pragmática”, que, como afirma esse historiador, não se constitui em “manifestações radicais ou efusivas, mas demonstrações de renovação arquitetônica, qualquer que seja ela [...]” (Segawa, 1999, p. 55).

Assim, fica definida uma arquitetura moderna afinada de maneira mais completa com as vanguardas e uma “outra modernidade” que renova, mas sem o discurso

teórico daquela e, conseqüentemente, sem seu caráter contestador. A gênese do repertório formal de ambas as manifestações é a mesma, com fontes de pesquisa conhecidas: o anti-historicismo – pelo menos figurativo⁴ –, o tema da abstração, a construção de uma arquitetura que se autorreferencia, a busca da beleza na própria forma e não no ornamento, o racionalismo.

Esse contato com os temas das vanguardas une inicialmente a arquitetura moderna hegemônica no Brasil e essa outra modernidade. As novas técnicas – especialmente o concreto armado – são o suporte físico da expressão formal comum a ambas em tantos aspectos. Essas duas versões da arquitetura moderna podem ser inseridas no



Figura 11. Pierre Patout, Pavilhão; Auguste Perret, Teatro. Exposição Internacional de Artes Decorativas e Industriais Modernas (1925).

Figure 11. Pierre Patout, Pavillion; Auguste Perret, Theater. International Exhibition of Modern and Industrial Decorative Arts (1925).

Fonte: <http://www.vam.ac.uk/content/articles/a/the-1925-paris-exhibition/>; <http://architectona.wordpress.com/oeuvres-dauguste-perret/paris/theatre-de-exposition-paris/>. Acesso em: 10/2014.

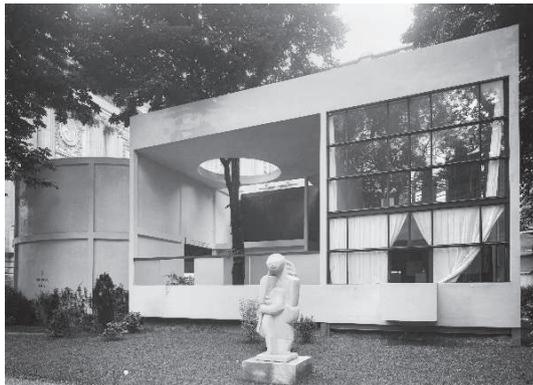


Figura 12. Le Corbusier, Pavilhão l’Esprit Nouveau; Konstantin Melnikov, Pavilhão da União Soviética. Exposição Internacional de Artes Decorativas e Industriais Modernas (1925).

Figure 12. Le Corbusier, Pavillon l’Esprit Nouveau; Konstantin Melnikov, Pavillion of the Soviet Union. International Exhibition of Modern Industrial and Decorative Arts (1925).

Fonte: http://www.mediatheque-patrimoine.culture.gouv.fr/fr/archives_photo/visites_guidees/expo_1925.html; <http://www.postalesinventadas.com/2008/09/paris-exposition-des-arts-decoratifs.html>. Acesso em: 23/09/2014.

⁴ Se muitas vezes têm um diálogo claro com a história, rejeitam uma cópia superficial dos estilos do passado.

processo de modernização que, em geral, é tomado desde William Morris e Viollet-le-Duc às vanguardas.

No entanto, no começo da década de 20, na Europa já aparece uma clara cisão entre as duas. Uma separação que coloca, de um lado, uma arquitetura que segue de maneira mais enfática os princípios revolucionários da vanguarda e, de outro, uma linguagem que marca a continuidade mais literal de princípios mais conservadores. A Exposição Internacional de Artes Decorativas e Industriais Modernas, realizada em Paris em 1925, é uma clara manifestação dessa separação, com a produção geral exposta, de um lado – incluindo o teatro de Auguste Perret – (Figura 11), e os polêmicos pavilhões de Le Corbusier e Konstantin Melnikov, de outro (Figura 12).

Toda a ideia de modernização da arquitetura desde o século XVIII tem como fundação e pilar uma ideia de racionalismo. No entanto, como indica Alan Colquhoun, em seu clássico texto “Racionalismo: um conceito filo-

sófico em arquitetura” (2004), existem, desde o século XVII, várias definições desse termo fundadas em diferentes ideologias.

O racionalismo do século XX tem suas especificidades – e deve ser analisado, segundo esse autor, a partir das novas versões que assumem os conceitos de atomismo, funcionalismo e formalismo. No entanto, no racionalismo da “modernidade pragmática”, e o Palácio de Fernando Corona é um exemplo claro disso, contracenam esses conceitos apontados pelo crítico inglês com ideias presentes em períodos anteriores, constituindo também esse fato uma especificidade das primeiras décadas do século passado.

Portanto, se o racionalismo é a base comum de toda arquitetura moderna, é esse mesmo conceito que ajuda a compreender a diferença marcante entre suas diferentes versões. Assim, os termos já mencionados como base da vanguarda racionalista – atomismo lógico, funcionalismo

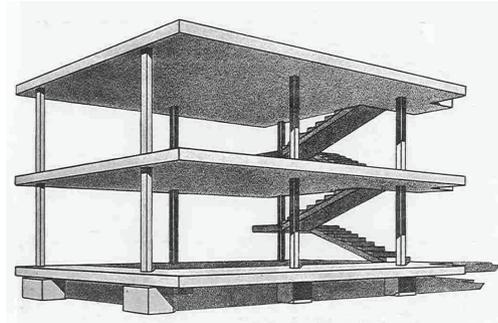
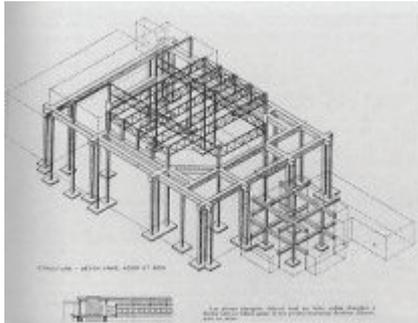


Figura 13. Auguste Perret, estrutura do Teatro. Exposição Internacional de Artes Decorativas e Industriais Modernas (1925); Le Corbusier, esquema estrutural Dom-Ino (1915).

Figure 13. Auguste Perret, Theater structure. International Exhibition of Modern Industrial and Decorative Arts (1925); Le Corbusier, Dom-Ino structural scheme (1915).

Fonte: Fundação Le Corbusier (1971); <http://architectona.wordpress.com/oeuvres-dauguste-perret/paris/theatre-de-lexposition-paris/>. Acesso em: 01/10/2014.

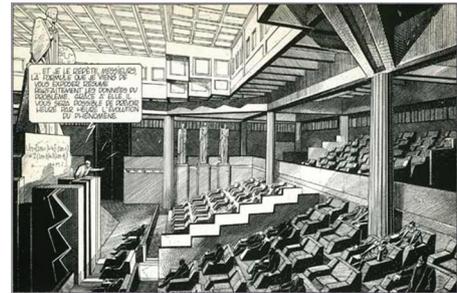
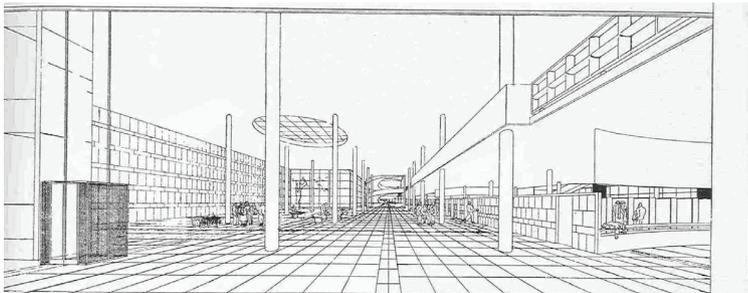


Figura 14. Le Corbusier, foyer do Palácio do Centrosoyus, Moscou (1929); Auguste Perret, interior do Teatro. Exposição Internacional de Artes Decorativas e Industriais Modernas (1925).

Figure 14. Le Corbusier, foyer of the Centrosoyus Palace, Moscow (1929); Auguste Perret, inside of the Theater. International Exhibition of Modern Industrial and Decorative Arts (1925).

Fonte: Fundação Le Corbusier (1971); <http://www.bdggest.com/forum/schuiten-etienne-louis-boullee-et-autres-influences-t5358-40.html>. Acesso em: 23/09/2014.

e formalismo – e seu diálogo com temas anteriores se constituirão como referências que conduzirão este estudo de agora em diante.

No atomismo lógico, a ideia de racionalismo está na utilização do método analítico da ciência moderna, no elementarismo; no funcionalismo, está no entendimento da arquitetura como resultado de fatos empiricamente observáveis; e no formalismo, nas intrínsecas relações entre as formas sendo ele fruto de uma leitura da arte e arquitetura não atrelada a resultados de eventos históricos.

Na arquitetura moderna de vanguarda, existe a convergência, de algum modo, desses três aspectos. Já na modernidade pragmática, eles não se manifestam em sua totalidade e/ou dialogam com “racionalismos anteriores” – racionalismo clássico, eclético e utilitário, orgânico e estrutural – todos eles indicados por Colquhoun.

Racionalismo, no que diz respeito ao que estamos estudando, é a noção “de que a arquitetura é o resultado da aplicação de regras gerais estabelecidas por uma operação da razão” (Colquhoun, 2004, p. 68). A intervenção dessas regras estabelecidas por uma operação da razão pode ser observada na arquitetura – e na arquitetura moderna isso é mais evidente – pela definição da estrutura construtiva. A construção em arquitetura sempre dá esse tom normativo às licenças próprias da criação e da subjetividade conformada a partir da experiência do mundo.

Por outro lado, a estrutura essencial da arquitetura do século XX, a estrutura em esqueleto, que deu suporte ao atomismo lógico, funcionalismo e formalismo, está baseada em métodos aplicados pelos engenheiros do século XIX que, por meios pragmáticos e analíticos, estabeleceram condições construtivas com o mínimo de interferência da ideologia arquitetônica. O fundamental desse conceito – que se afasta do racionalismo orgânico de Viollet-le-Duc – é que os elementos são determinados mais pelas necessidades do processo de produção do que pela lógica construtiva do material.

No entanto, o desenvolvimento desse conceito estrutural ligado à produção vai gerar dois sistemas estruturais diferentes, que resultarão em processos formais e espaciais distintos. Um gera o esquema que remete, de alguma forma, à tradicional manifestação explícita da estrutura e suas juntas; o outro é apresentado como um sistema de planos e linhas independentes (Figura 13). O primeiro leva a arquitetura de novo a uma categoria tectônica primária; o segundo gera uma tectônica extremamente abstrata.

A adoção de um ou outro sistema, por si só, já cria diferentes possibilidades de enfrentamento da ideia de racionalismo e, assim, diferentes propostas espaciais (Figura 14).

Atomismo lógico

A estrutura em esqueleto foi o suporte para uma elementarização da arquitetura – que Colquhoun chama de atomismo lógico em uma referência à filosofia de Russell⁵ – tanto no aspecto formal como construtivo.

As possibilidades de uma composição com elementos autônomos são claras em ambos os esquemas estruturais acima apontados. Os elementos estruturais e de arquitetura ficam explicitados em sua individualidade em toda a composição arquitetônica.

Porém, no sistema que aqui chamaremos perretiano, em termos compositivos, há uma grande dependência entre estrutura e vedação – as vigas expostas sempre vão definir o lugar das divisórias, por exemplo – e a “atomição não fica tão evidente.

No sistema Dom-Inó, a possibilidade de contraposição entre ordenação geométrica da estrutura e composição livremente topológica de paredes dá um grau maior de liberdade na combinação dos elementos e, assim, potencializa uma maior complexidade espacial. A individualidade e atomização dos elementos é mais explícita nesse sistema.

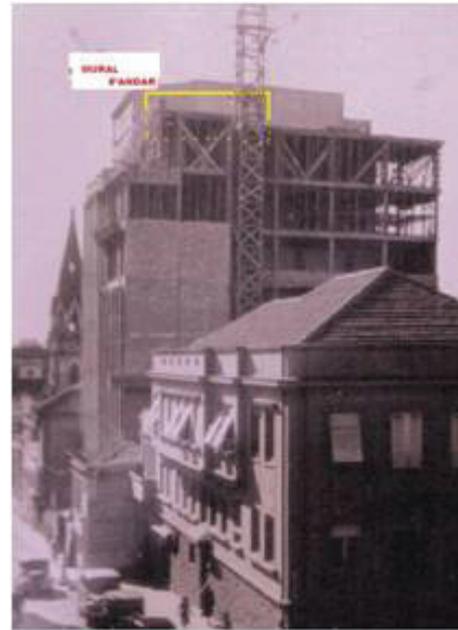


Figura 15. Fernando Corona, Instituto de Belas Artes, Porto Alegre (1940).

Figure 15. Fernando Corona, Institute of Fine Arts, Porto Alegre (1940).

Fonte: Acervo de Círio Simon.

⁵ A estrutura da realidade de Russell: “1. o mundo consiste em entidades elementares que possuem somente propriedades elementares e que se ligam por meio de relações elementares; 2. nossa visão científica do mundo deve ser composta de maneira analógica a partir de proposições elementares” (Colquhoun, 2004, p. 79).

A conquista de excelência no uso da técnica do concreto armado e, a partir desta, na construção de edifícios em altura foi o grande destaque da construtora Azevedo, Moura & Gertum. Ao verificarmos a produção de Fernando Corona na firma, percebe-se, de uma maneira geral, a presença do sistema perretiano. Mas é fundamental recordar que os procedimentos de Auguste Perret incluíam como tema essencial em sua obra, além do uso da estrutura em concreto armado, a exposição dessa estrutura, tanto externa como internamente.

Em 1933, em palestra proferida na Sociedade de Engenharia, com o tema da “Arquitetura contemporânea norte-americana”, o engenheiro Fernando de Azevedo Moura, discorrendo sobre a renovação construtiva nos Estados Unidos, demonstra larga admiração pelo “grande edifício de escritórios [...] uma das obras-primas da arquitetura dos nossos tempos”, que adota como “solução lógica, a ostentação da estrutura do edifício” (Azevedo Moura, 1933, *in* Rovati, 2005).

No entanto, essa expressão da estrutura vai ficar bastante contida no trabalho desse profissional. A estrutura das edificações de vários pavimentos vai estar quase totalmente coberta na obra pronta (Figura 15). “A solução lógica de ostentação da estrutura do edifício” que mostraria essa realidade formada por entidades elementares em linhas e planos conectadas por “relações elementares” fica explícita em pouquíssimas partes dos edifícios.

Como resultado se apresenta uma ambiguidade: não fica claro o quanto os elementos externos verticais do Palácio do Comércio, por exemplo, são expressão do esqueleto real ou representação de uma suposta trama estrutural exposta em alguns episódios em que o arquiteto deseja enfatizar uma estratégia compositiva de acentuação vertical (Figura 16).

A exposição da estrutura como elemento arquitetônico independente aparece, sim, é no interior da

edificação, onde elementos estruturais estão utilizados de maneira artística e espacial (Figura 17).

No exterior, a estrutura somente é deixada à vista – as bordas das lajes pelo menos – nas empenas e na parede de fundos. Ou seja, a ideia – revolucionária – de elementarização não é adotada na parte de maior representação do Palácio – a fachada.

Corona experimenta estratégias mais vanguardistas em relação a esse tema no curioso indício do Dom-Inó na *fenetre en longueur* do primeiro pavimento, o de escritórios. Esse experimento revolucionário é único na obra de Corona desse período⁶ (Figura 18).



Figura 16. Fernando Corona, Palácio do Comércio, Pelotas (1938).

Figure 16. Fernando Corona, Palace of Commerce, Pelotas (1938).

Fonte: Memorial da Associação Comercial.

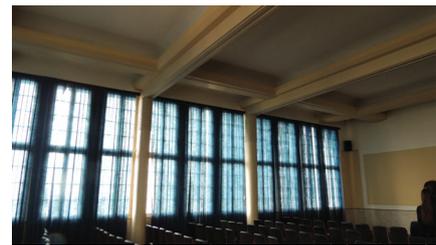


Figura 17. Auguste Perret, foyer do Teatro Champs-Élysées, Paris (1910); Fernando Corona, salão e restaurante do Palácio do Comércio, Pelotas.

Figure 17. Auguste Perret, foyer of the Champs-Élysées Theater, Paris (1910); Fernando Corona, hall and restaurant of the Palace of Commerce, Pelotas.

Fonte: Arquivo da autora.

⁶ Não considerando a obra posterior à sua adesão à arquitetura moderna brasileira corbusiana.

Como havíamos adiantado, a presença do racionalismo na “modernidade pragmática” de Corona se relaciona de alguma maneira ainda ao racionalismo dos séculos anteriores – e isso fica mais evidente quando analisamos sua obra com base nos outros dois outros termos: funcionalismo e formalismo.

Funcionalismo

O funcionalismo de um modo geral diz respeito à relação entre funções e formas, e no século XX a ideia geral é de que as formas expressivas do programa ou da estrutura do edifício são geradas pelas necessidades intrínsecas. O essencial é a não interferência no projeto de um edifício de noções preconcebidas do que é “arquitetura”. A arquitetura – ou a forma – deve ser concebida como a expressão imediata de questões empíricas e pragmáticas.

Alan Colquhoun usa como exemplo a ideia de funcionalismo da “Nova Objetividade” que excluía todos os “valores” *a priori* e indicava como fatos relevantes para a arquitetura apenas “a estrutura, a economia e as

necessidades fundamentais, que poderiam ser empiricamente testadas pelo método “científico” (Colquhoun, 2004, p. 84).

Nesse sentido, uma explicação funcional da arquitetura moderna pode ser vista nos desenhos de Le Corbusier expondo as potencialidades dos cinco pontos da nova arquitetura, ou no esquema de Gropius que explica as vantagens da acomodação dos edifícios-barras de vários pavimentos em linhas paralelas. O prédio da Bauhaus em Dessau, por outro lado, é um exemplo de uma arquitetura reflexo de um projeto logicamente deduzido (Figura 19).

No Palácio do Comércio de Fernando Corona há uma ideia preconcebida do “que é arquitetura”, que o afasta desse funcionalismo vanguardista. A arquitetura se embasa em um conhecimento *a priori*, fundamentado na autoridade clássica à qual os aspectos contingentes e circunstanciais estão submetidos. Esse aspecto do anteriormente “dado” se completa com a concepção de “caráter essencial” de Quatremère de Quincy (1985), relacionado com a ideia de arquitetura como construção qualificada. Concepção esta, de alguma maneira, já apontada desde



Figura 18. Fernando Corona, Palácio do Comércio, Pelotas (1938). Marcação das bordas das lajes e *fenetre en longueur*
Figure 18. Fernando Corona, Palace of Commerce, Pelotas (1938). Marking of the slab edges and *fenetre en longueur*.

Fonte: Memorial da Associação Comercial.

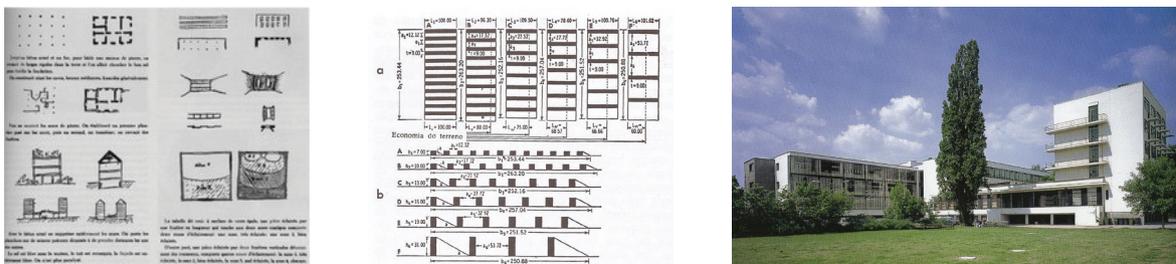


Figura 19. Le Corbusier, esquemas comparativos demonstrando as vantagens dos “Cinco Pontos” (1926); Walter Gropius, diagramas apresentados no 3º CIAM (1930) e Sede da Bauhaus, Dessau (1926).

Figure 19. Le Corbusier, comparative sketches showing the advantages of the “Five Points” (1926); Walter Gropius, diagrams presented at the 3rd CIAM (1930), and Bauhaus building, Dessau (1926).

Fonte: Le Corbusier (1995); Gropius (2004); Lupfer e Sigel (2006).



Figura 20. Fernando Corona, Palácio do Comércio, Pelotas (1938).

Figure 20. Fernando Corona, Palace of Commerce, Pelotas (1938).

Fonte: Arquivo da autora e Memorial da Associação Comercial.

Vitruvius a partir do *prepon* grego vinculado à categoria ética de fazer as coisas com propriedade. O palácio resulta, então, em uma arquitetura que se apresenta para a cidade de maneira renovadora mas sem perder a qualidade do decoro urbano.

Dentro desses aprioris, algo que poderíamos chamar de funcionalismo, porque relaciona, de alguma maneira, aspectos expressivos e questões pragmáticas, estaria a questão da identidade das várias partes – das necessidades – do edifício. No entanto, são necessidades que não são passíveis de testes empíricos. São muito mais ligadas a questões de significado, onde já não se deve falar de função, que possui uma conotação mais científica, mas de programa, que envolve questões sociais e culturais.

No Palácio do Comércio, o lugar do trabalho nos primeiros pavimentos é público, aberto, transparente. O lugar do habitar, nos andares intermediários, denota um conteúdo de privacidade, com aberturas menores e presença de balcões que conectam interior e exterior de maneira mais controlada. A sede propriamente da Associação Comercial, lugar de trabalho e de celebração⁷, coroa a composição e adquire um protagonismo com sua transparência pautada pelos pilares de seção circular (Figura 20).

Além do “caráter essencial”, Corona trabalha com uma ideia de “caráter relativo” – também exposto por Quatremère de Quincy no século XIX e reafirmado mais tarde, já no começo do século XX, por Julien Guadet⁸ –, que se manifesta através do conteúdo simbólico, conteú-

do este, mediado por convenções culturais. É então um “funcionalismo mediado”, onde há uma interpretação expressiva e compositiva do programa.

Por outro lado, o funcionalismo que se embasa na expressão de uma moralidade própria da modernidade – sinceridade, honestidade, verdade – e que tem relação direta com a exposição ou expressão das técnicas construtivas, somente em parte é importante no projeto da sede da Associação Comercial de Pelotas.

No Palácio do Comércio há mais uma representação da estrutura do que sua expressão⁹. A estrutura não é um manifesto, não é tampouco uma manifestação de uma necessidade intrínseca que gera forma a partir de uma dedução lógica, enfim, não é uma “descrição objetivamente verdadeira do mundo real” (Colquhoun, 2004, p. 84). Essa arquitetura aceita, sim, uma realidade: um espaço urbano privilegiado onde há uma indicação de comportamento a seguir, uma sugestão de agir com correção e com decoro.

Formalismo

O formalismo tem como base o pensamento que enfatiza as relações governadas por regras e não as conexões de causa e efeito. Nesse caso, há um entendimento de que as formas são independentes das situações empíricas que lhes prestam significados em qualquer época ou lugar. Trabalha-se com a ideia de que a forma possui um significado intrínseco.

⁷ No oitavo andar está a parte administrativa da Associação, com biblioteca e salão de honra e, no nono pavimento, encontram-se o “grande salão” para festas e o restaurante. Por esse pavimento se tem acesso ao terraço.

⁸ Corona menciona a influência que teve de Julien Guadet citando a expressão do arquiteto francês “simplifié, simplifié, et quand vous auvers simplifié, simplifié encore” (Corona, s.d.). Supõe-se então o conhecimento de sua obra fundamental *Éléments et théorie de l’architecture*, publicado por Guadet em 1901 e 1904.

⁹ Curtis (2008) se refere a esse procedimento quando discorre sobre a Escola de Chicago.

Esse pensamento aproxima muito a arquitetura moderna ao classicismo – embora rejeite as formas específicas e historicamente determinadas do estilo clássico. “A racionalização da construção nos parâmetros da produção fabril recriaria, em um nível mais abstrato, as mesmas tradições artísticas e valores culturais que ajudara a destruir”, dirá Colquhoun (2004, p. 85).

O que se observa no Palácio de Corona é uma estrutura formal autônoma e independente de aspectos contingentes: por um lado, está em quase todas as suas obras e, por outro, vem, como já dito, como algo dado. Esse “algo já dado” desconecta a forma da função. As relações entre as formas é que importam e não a relação desta com coisas externas, e, nesse sentido, a estratégia para o edifício de Pelotas se encaixa no conceito de formalismo.

Esse formalismo de Corona está conectado com as vanguardas no modo em que se contrapõe ao historicismo de Viollet-le-Duc e seus seguidores, que viam a arquitetura “como um contínuo desenvolvimento de acordo com uma lei histórica da evolução técnica e social” (Colquhoun, 2004, p. 85). Mas diferentemente das vanguardas, a aproximação à tradição é mais figurativa, não está vestida do caráter fabril que nega a hierarquia de elementos e formas.

Corona é um racionalista. Mas um racionalista que resgata, conserva e exalta a autoridade da antiguidade, eterna e absoluta. Um racionalismo clássico que desde o iluminismo contrapõe com a experiência subjetiva, empírica, que permite que Corona insira as nuances e atributos da modernidade, resultando em uma combinação de ideias inatas e de empirismo.

É também um racionalista que segue a tradição de Jean Nicolas Louis Durand que decompõe a arquitetura – as arquiteturas – permitindo que esta seja recomposta com elementos da antiguidade somados a elementos “escolhidos” da modernidade, respondendo a parâmetros de “economia e utilidade”. Eduardo Corona é um racionalista eclético e utilitário: seleciona em um sistema de combinações e permutações os elementos estilísticos adequados para uma “composição correta com caráter adequado”.

Mas Corona também é um conservador. Conserva, resguarda os aspectos da arquitetura que considera atemporal, que está além das circunstâncias momentâneas. Por outro lado, é um acumulador de procedimentos presentes nos dois séculos que precederam ao seu, e cujo devir foi tão fundamental para a construção de uma arquitetura moderna: um racionalismo fundado na autoridade, um racionalismo baseado na utilidade; um racionalismo que imana da lógica da estrutura (Colquhoun, 2004). Na obra do arquiteto Fernando Corona estão colocados lado a lado, ambigüamente, contraditoriamente, mas expostos.

A arte moderna desde sua gênese necessitou de um discurso teórico que a consolidasse, de um manifesto que a explicasse. Cubismo, surrealismo, neoplasticismo não teriam a influência fundamental para o século XX não fossem seus manifestos. A ruptura enorme com seus

precedentes artísticos criou a necessidade de que a arte começasse a ser explicada novamente.

A modernidade pragmática não teve necessidade de discurso. Isso em si já mostra o quão conservadora foi. Criou muitas vezes uma leitura baseada em um pragmatismo de difícil leitura, mas conservou sempre algo familiar, algo que não precisava ser explicado, que já fazia parte de um entendimento compartilhado por uma cultura. Fernando Corona foi um renovador, mas acima de tudo um conservador. Se não mostra a coragem quase cega de um jovem vanguardista, mostra os olhos abertos de quem tem a sensibilidade para entender o que naquele momento poderia ser absorvido por uma sociedade, por uma cidade.

Referências

- CANEZ, A.P. 1998. *Fernando Corona e os caminhos da arquitetura moderna em Porto Alegre*. Porto Alegre, UE/Porto Alegre/Faculdades Integradas do Instituto Ritter dos Reis, 209 p.
- COLQUHOUN, A. 2004. Racionalismo: um conceito filosófico em arquitetura. In: A. COLQUHOUN, *Modernidade e tradição clássica: ensaios sobre arquitetura 1980-1987*. São Paulo, Cosac & Naify, p. 67-95.
- CORREIO DO POVO. 2009. Disponível em: <http://www.correiodopovo.com.br/Jornal/A114/N211/HTML/Seculo.htm>. Acesso em: 03/10/2014.
- CORONA, F. [s.d.]. Tomo I: Donde se conta como e por que saí de casa e aqui fiquei para sempre. Nasci em um lugar e renasci em outro onde encontrei amor. De 1911 a 1948. In: F. CORONA, *Caminhada de Fernando Corona*. Manuscritos em forma de diários. Folhas de arquivo de 210 mm x 149 mm. Acervo de Círio Simon, DVD I. Digitado a partir do original.
- CURTIS, W. 2008. *Arquitetura moderna desde 1900*. 3ª ed., Porto Alegre, Bookman, 736 p.
- DIÁRIO DE NOTÍCIAS DE PORTO ALEGRE. 1938. A Associação comercial de Pelotas vai construir alterosa sede. 28 jul., p. 12.
- DIÁRIO POPULAR. 1938. Palácio do Comércio. Jul., p. 3.
- DIÁRIO POPULAR. 1942. 25 jan., p. 1.
- FUNDAÇÃO LE CORBUSIER. 1971. *Le Corbusier 1910-1965*. 7ª ed., Barcelona, Gustavo Gili.
- GROPIUS, W. 2004. *Bauhaus: nova arquitetura*. 6ª ed., São Paulo, Perspectiva, 221 p.
- LE CORBUSIER. 1995. *Oeuvre Complète*. Volume 1, 1910-1929. Zurich, Artemis.
- LUPFER, G.; SIGEL, P. 2006. *Gropius*. Madrid, Taschen, 96 p.
- QUINCY, Q. 1985. *Dizionario storico de architettura*. 2ª ed., Venezia, Marsilio Editori, 291 p.
- ROVATI, J.F. 2005. A valorização do contexto: O caso de Porto Alegre, RS. *Arquiteturarevista*, 1(2). Disponível em: <http://www.arquiteturarevista.unisinos.br/index.php?e=2&s=9&a=10>. Acesso em: 03/09/2014.
- SEGAWA, H. 1999. *Arquitetura no Brasil*. 2ª ed., São Paulo, Edusp, 244 p.

Submetido: 14/10/2014

Aceito: 07/01/2016

Célia Gonsales

Universidade Federal de Pelotas

Rua Benjamin Constant, 1159

91010-020, Pelotas, RS, Brasil